

# Índice

	Pág.
PREFÁCIO	7
I—Cervantes e o vício congénito das biografias. O Príncipe dos engenhos espanhóis é visto do Ocaso para o Oriente. A exemplo de Luís de Camões. A linhagem do escritor. Pai barbeiro, mãe abelha-mestra da casa pobre. Manas salerosas e casquivanas. Em bolandas de Ceca em Meca. A pena da mão cortada. Foge que te agarram! Bufonaria poético-sentimental. Dislate tão grande como o promontório de Gibraltar. A batalha de Lepanto e o <i>Manco Sano</i> . O inútil troféu ... ..	15
II—O Magrebe e a mobilidade. Ceuta e a megalomania inconsequente. Argel, madrigueira de piratas. As Ordens Religiosas da redenção e resgate. Cervantes cativo e escravo. Burla histórico-bibliográfica. Diego de Haedo autor dum livro que não escreveu. Um suposto ou ignorado português, grande cidadão e humanista. Sousa ou Sosa? Frei Luís de Sousa e Cervantes. A legenda poética e a realidade. Lágrimas e risos do ergástulo ... ..	37
III—Um comissário do Santo Officio de que ninguém dera conta. Caiu do céu, trouxe-o que nave? Espião de Filipe e de Deus. A besta do Apocalipse dos cervantistas. As fugas frustradas de Cervantes e o frade denunciador. Loas suavíssimas à Virgem Maria. O que vale a <i>Información</i> em prol de Cervantes. Importância de semelhante instrumento. Mordedura de cão cura-se com o pêlo do mesmo cão. Poesia e drama do ergástulo. O resgate de Cervantes. Fuminho calunioso. O oxigénio da liberdade ... ..	63
IV—Lisboa em fins de Quinhentos. Cervantes chegou já no dia seguinte. A Tomar dos Templários na preia-mar.	

## NO CAVALO DE PAU COM SANCHO PANÇA

A sombra de Camões. Um rei enredado nos seus enredos. Ocupação de Portugal. A batalha dos Açores. A açougada. De casa de Herodes para casa de Pilatos. Estratégia clássica dos altos mangas-de-alpaca. O triste documento denunciador. Que vale a imortalidade. Porque é que a jibóia não digeriu o láparo ... .. 88

V—Parado nos umbrais de mundo. Pior que numa jangada à deriva. Amores fortuitos e equívocos. Ana de Vilafranca, Ana Francisca de Vilafranca e Ana Franca, a mesma tabuleta. A luz dos seus olhos. Uma viúva alegre filipina. Mouro na costa de Esquívias. A boa terra de fidalgos e galgos. Uma rolinha provincial. Pícaros e rufiões. Erros de compreensão de parte a parte. Enfartamento da comodidade burguesa. Fuga ao pequeno paraíso terreal. Outros horizontes. Sevilha, a feiticeira ... 109

VI—Homem desarvorado. Sevilha, maga enliçadora, escola de pícaros, *madre de la flamenca*. Ao serviço do rei. Maldito seja *el alcabalero!* A *Inventvel Armada*. Seu cantor e ecónomo. Excomungado pelo bispo e preso. O cárcere, forja muito hipotética do *D. Quixote*. Contrastes e inibições. Os espinhos inevitáveis do cargo público. O labéu improvado: concussionário e pobre como Job . . . . . 135

VII—Arma, arma, *D. Quixote!*—Contra quem? Expressão rúnica de uma vida atribulada. Da realidade trágica para a bufonaria. Baldões a valer para baldões a rir. Um homem em guerra consigo e com o mundo. A desesperada e forçosa subserviência. O drama da razão contra a inerte estupidez. O peninsular desalgemado. Os grilhões da ancestralidade. Porque se gosta do *D. Quixote de la Mancha*. Razões da sua universalidade. O seu poder de sedução e engodo. Fino e inalterável como o diamante. *O requiem* das novelas de Cavalaria ... .. 152

VIII—Berço do *D. Quixote de la Mancha*. O cárcere ou os caminhos ensoalhados da Mancha? Indole da novela. A arraia-miúda é chamada a figurar no presépio caste-

## NO CAVALO DE PAU COM SANCHO PANÇA

lhano. Sancho Pança também é gente. Grande personalidade representativa: o dinheiro. A justa nota realista em todo o género. Censura ao erótico obsceno. O amor no *D. Quixote* como fonte pura de inspiração. Por onde se salvam os romances de Cavalaria. O espírito dos *Dialoggi di amore*. Para lá da felicidade platónica. Misoginia e suas razões. O pretório em que é julgada a irmã Eva. Mas porque são todas belas e frágeis, ele lhes perdoa ... .. 176

IX—Controvérsias a quatro. Falam D. Quixote, o bacharel, o barbeiro e o cura. O barbeiro, especialmente, ouve. D. Quixote coça o tontigo, pouco ledor de teologia. As proposições ousadas de Sansão Carrasco. A mola da grande vesânia. O problema do bem e do mal. O mundo não se havia de curar? A que vieram os cavaleiros andantes. As prédicas de D. Quixote. O que é direito natural. Sê justo com teu irmão. Conceito de justiça. Sancho na Ilha da Baratária. As suas sentenças de lucidíssima intuição. Tal qual Salomão 197

X—Cervantes irmão do Santíssimo. Referências ao tribunal da fé. Irrespeito, se não impiedade. Pecados que escapam pelas malhas. Veniais ou descuidosos. Licença à fantasia. Suponha-se Cervantes chamado à Mesa da Santa Inquisição. Qualificador benévolo e audiente perplexo. Exame doutrinal. Os passos do teólogo através do *D. Quixote*. Capítulo por capítulo. Suposto monitório. Como se explica o longo pousio que vai da Primeira Parte à Segunda. Possíveis embargos ... .. 215

XI—Segunda Parte. Um inquisidor tolerante. A defensão inesperada. Biblioteca de muitos eclesiásticos e poucos leigos. Conceda-se alvará de correr. Novo exame de fé. Um revedor *pro forma*. O escalracho dos moiriscos. *Pax vobis*. Acabou o entreacto da fantasia. A marca unglular de outro inquisidor. Familiaridades que se tornam tegumentares. Até onde foram os cortes no *D. Quixote* depois da 1.<sup>a</sup> edição. Antes, só Deus o sabe. Mas cá e lá más fadas há. O salvo-conduto da loucura ... .. 233

## NO CAVALO DE PAU COM SANCHO PANÇA

- XII—O *D. Quixote de la Mancha* de Avellaneda. Quem seria o falsário? Exame sucinto do desaforo. Condene-se pelo mau gosto; a deformação dos caracteres; a truculência bedufna; a falta de curialidade; a indelicadeza nata e agressiva; o escatológico; o pitoresco forjado a martelo; o atraioamento da natureza e a incompreensão da vida. *D. Quixote* desquixotou-se e Sancho Pança é mais torpe que o bobo de Cória. Pela esteira de outro fácil é rumar. Avellaneda permanece catraieiro. A sombra caluniada de Quevedo. Como se pode confundir a fina prata com o barro mal cozido? . . . . . 256
- XIII—Irradiação de *D. Quixote*. Portugal e o livro singular. Três edições lisboninas. Estado da lusitanidade. *D. Quixote* no Bairro Alto. O farq seguro do *Judeu*. O sainete substituído pela graçola. Personagens de feira para público boçal. Lisboa e a bucólica cervantina. A margem do *D. Quixote*. Histórias de ermitões. Um capítulo rasurado na novela de que subsistem palavras à toa. Se os manes de Cide Hamete Benengeli dão licença. Reconstituição desenfastiada. Falta o esquadro tão simples e inimitável do Mestre . . . . . 284
- XIV—Passos na arada. A misoginia de Cervantes. *D. Quixote* orador socialista. A voz dos anagramas ou os arbítrios da paciência. O criador toma-se de dó pela criatura. Herói ou santo? Insignificâncias da venatória. O que valem *Comédias e Entremezes*. Vingança, sávido prazer dos homens. Todas em Castela são Marias Gutiérrez como entre nós Marias da Roca. Os ouvidos pavorosos. Foi ou não Miguel Cervantes retratado por Juan de Jáuregui? . . . . . 302
- XV—Traços para o retrato espectral de Espanha. Mensagem que nos trouxe Miguel de Cervantes. *D. Quixote* ou Alonso Quixano o Bom? Pois morra *D. Quixote*, o delirado cavaleiro andante! Viva, viva Alonso Quixano, o Bom! Tresvairros estéticos dum espírito singular. A coragem das retractações. A Espanha de sempre. O que dita a voz universal da solidariedade . . . . . 315